

A NOVELA VERMELHA

— N.º 8 —

A Sciência redentora

POR

JOSÉ BENEDY



LISBOA—DEZEMBRO DE 1921

Secção Editorial de A BATACHA

Shi

THE HISTORY OF THE
CITY OF BOSTON

JOHN BENEDEY

A SCIENCIA REDENTORA

POR

José Btedy

A Novela Vermelha n.º 8

Shi

A SCIENTIA REINVENTORA

FOR

Jose Bandy

A Novela Vermelha n. 8

Shi

A Sciência Redentora

Foi há trez anos.

Era domingo, pelo fim da tarde e, depois de uma volta larga de algumas horas regressava eu à minha casa de onde saíra aborrecido por falta de dinheiro e de probabilidades de arranjá-lo como não arranjei e era preciso que arranjasse para pagar ao senhorio, impreterivelmente, no dia seguinte, sob pena d'um mandado de despejo que não é das cousas mais agradáveis, como por experiência propria posso dizer que é assim.

Maldizia, por conseguinte, o senhorio, o dinheiro, a lei do inquilinato, a justiça e a minha pouca sorte, tomado d'um enervamento que fácilmente se comprehende e mal se pode descrever.

Encontrava-me, precisamente, na situação estúpida d'uma môsca que eu vira de manhã adejando contra a vidraça do meu quarto e que, na sua ignorancia da resistencia que oferecem certos meios transparentes, pretendia atravessá-lo para se livrar do aperto em que se encontrava, não podendo voar para a conquista do espaço dilatado que se oferecia à sua vista para além da vidraça.

E assim estava eu, como que chumbado pelos pés, sobre as pedras da calçada, sem poder arrancar-me d'ali para fóra.

Não podia ser. Era preciso arranjar dinheiro, naquele dia, fôsse como fôsse.

Dentro em pouco seria noite. Da banda da barra para o nascente, perseguidos pelo vento, corriam, apressados, uns *cirrus* prometedores duma noite de chuva que havia de ser de insónia e o espectro do senhorio, mil vezes maldito, erguia-se na minha frente, com a ameaça do despejo.

Rematada loucura comete todo aquele que constitue família, mal podendo ampará-la e só contando com o esforço do seu braço para o cumprimento desse dever que não tem limites e ao qual, por força de circunstâncias, tantas vezes se falta.

Mas as cousas são como são e muito intimamente se relacionam ou ligam umas ás outras, de longe ou perto, sem dependência das vontades humanas.

O que é, é. E a lei é dura mas é lei, seja a lei de bronze do salário que submete os trabalhadores, intelectuais ou não, ao jugo cruel do capital ou venha a ser a lei da natureza que obriga o homem a reproduzir-se, por instincto.

Como eu vinha dizendo encontrava-me de volta e à porta da minha casa, desejando subir e abalar de novo, tudo ao mesmo tempo.

Uma força, a da família, me atraía e a necessidade imperiosa dum prato de sopa que esperava por mim, lá em cima.

Outra força, porém, me repelia e como que me forçava mau grado meu, a tomar o caminho que trouxera e foi a esta que eu obedeci com a vaga esperança de encontrar alguém que me tirasse da estreiteza em que me via, emprestando-me algum dinheiro.

Voltei as costas á porta, ao prato da sopa e á família, retomando o caminho pouco antes percorrido, numa angústia e numa atonia semelhantes àquelas que devem experimentar os condenados quando caminham para o cadafalso.

Os *cirrus*, cada vez mais espessos e pardacentos, tomavam aspectos monstruosos, sem afrouxar na carreira.

A passos vagarosos e quasi sem dar por isso encontrei-me no Chiado, decorridos, calcúlo, uns trez quartos de hora, sem que tivesse estabelecido qualquer plano de salvação durante o meu automático trajecto.

Anoitecera, quasi de todo, entretanto, e aquella arteria principal da cidade, já então iluminada pelos arcos voltaicos, não tinha o movimento ruidoso que, à mesma hora, é costume ter nos chamados dias úteis da semana

Quando em vez, subindo ou descendo, passava um trem, um *sid-car* ou um auto cujas lanternas acêsas me pareciam os olhos fosforescentes dum felino de proporções descomunais.

O ceu toldara-se, de todo.

Do lado da «Brasileira» e do «Bénard», subindo, uns, descendo, outros, caminhavam, como formigas, diversos

peões apressados por algumas gôtas de chuva que principiava a cair.

Abriam-se os guardas-chuvas e as sombrinhas das mulheres e já eu tornejava o Chiado para o Rossio para dar uma vista de olhos pelos cafés desta praça na intenção de encontrar ali algum amigo abonado, quando um encontrão casual e formidável dum sujeito que passava quasi de fugida e no sentido contrário atirou comigo contra a coluna do arco voltaico da esquina, cuja luz violacea e difusa se balouçava lá em cima, à semilhança duma lua cheia vista através duma núvem esbranquiçada.

—Arre, que é burro! gritei eu para o homem que me dera o encontrão.

Um marujo que vinha passando e que observara a scena, vendo-me a ponto de perder o centro de gravidade saiu-se, de chofre, com este conhecido gracejo que aumentou o meu desespero:

—Olha lá esse candieiro!

E foi seguindo o seu caminho pela rua acima.

O outro, o do encontrão, respondeu-me, *in-continenti* e ao pé da letra:

—Burro é você que vai a dormir e a pisar ovos pelo passeio fora.

E parára na minha frente, péga não péga comigo.

Como por encanto mas segundo o costume e na perspectiva duma *fita* de grande movimento obrigada a pancadaria já tínhamos de ródá umas trez duzias de *mirónes* embasbacados, ao passo que algumas senhoras se faziam ao largo com aquela timidez impressionante que caracteriza o belo sexo, que eu não tive tempo nem lembrança de verificar se entre elas ía alguma que devesse muito ou pouco à formosura.

A' luz, em cheio, vinda de cima, medi de relance o meu adversário que era o que se chama um pedaço dum homem e logo pensei, de mim para mim, que se êle me applicasse um sôco ou uma bofetada me deixaria sem concerto ou pouco menos como é costume dizer-se e era lícito supôr, segundo o meu exame e o meu cálculo das probabilidades.

—Burro é você! repetiu êle, apoplético, procedendo à minha medição, como se os homens devessem ou pudessem medir-se aos palmos, contra as convenções do sistema métrico, pensamento êste ou criterioso conceito que me animou, um tanto ou quanto, naquela pouco agradável conjuntura.

E ao passo que, pela segunda vez e assim a modo

que com o capital e os juros, me devolvia a indignada apostrofe, na certeza da superioridade da sua força muscular que lhe assegurava a vitória sôbre mim no caso, muito provavel, dum pugilato entre nós ambos; ao passo que o pobre burro, o animal que eu mais estimo e considero em toda a criação por ser muito menos burro do que a maioria dos que o desprezam andava ali, de cá para lá, naquele jogo de palavras provocadoras, os olhos esbogalhados do meu contraditor despediam scentelhas de mal reprimida cólera, cravando-se nos meus que o estariam tanto quanto eu estava sinceramente arrependido de não ter ficado em casa.

De repente, porém, quando era de supôr que finalmente nos atirássemos à valentona um ao outro para dar mostras de coragem e de brio aos circunstantes, como é da praxe, em casos tais; quando eu esperava — devo dizê-lo, ir dali para a Misericórdia com a cara feita num bôlo ou para o Govêrno civil, a dois passos e na melhor das hipóteses, se não fôsse para a «morgue», eis que o homem, como se algemas ocultas lhe travassem os punhos, mudou bruscamente de tom e aspecto, fazendo-me esta pergunta :

— Você não é fulano ?

E proferiu o meu apelido.

— Suponho que sim.

— E' ou não é ?

— Sou eu mesmo.

— Não me conhece, apôsto.

— E' provavel que conheça mas não o reconheço por que tenho a infelicidade de ser pouco previsto.

— Pois conhecemo-nos há muitos anos e acabo de reconhecê-lo. Venha de lá esse abraço. Sou o Brito Moreira. Você não se lembra ? O capitão Moreira, de Quelimane... Como você está acabado ! Não se lembra ? O Moreira a quem o *Pepse*, aquele seu cão, roubou metade dum prezunto em casa da D. Tereza, abalando a fugir com êle pela porta fóra. O que rimos, por causa daquela partida...

— E' você, o Moreira ?

— Sem tirar nem pôr, à excepção dos trinta anos que já lá vão. Dê cá esse abraço, seu envinagrado.

E ali, à luz do arco voltaico, já debaixo da chuva que principiava a cair menos mal e com o mais evidente e completo desapontamento do cívico de giro que se fôra aproximando, para o que desse e viesse e dos *mirones* estupefactos que acabavam de perder uma boa *fita* de

muito movimento, acompanhada de grossa pancadaria segundo os indícios e as suas conjecturas, permutámos um abraço daqueles de quasi quebrar as costelas, enquanto os espectadores debandavam, sem ir á bilheteira reclamar a importância dos seus bilhetes por falta do espectáculo que se lhes annunciára de maneira tão... auspiciosa; as boas alminhas que o senhor criou sem estercos!

Feito ao largo o vigilante cívico que viera até perto de nós com a desenvoltura paquidérmica que caracteriza as alimárias da sua espécie e que se puzera a retorcer o bigode dando voltas ao seu *casse-tête*, assim a modo a amolar do caso e arreliado por ter perdido uma excelente ocasião de fazer os disparates do regulamento e exercer a sua autoridade na manutenção da ordem como os seus colegas costumam fazer chegando até a provocar desordens só para se darem o prazer de apartá-las á pranchada, eu e o meu velho amigo Brito Moreira seguimos Chiado arriba, estugando o passo sob o aperto da chuva, evitando os encontrões, não fôsse o diabo arranjar-nos algum sarilho como aquele de que nos livráramos um pouco antes.

— Que feliz encontro. Há tanto tempo... Já tenho perguntado por você, mas ninguém me soube dar noticias, dizia o capitão Moreira. E logo, como se entre nós se dêsse a transmissão de pensamento: — Você já jantou? Seja franco.

— E você? preguitei eu, mastigando em sêco.

— Vinha do Gêlo onde costume entreter-me e ía agora mesmo direito às sôpas. Móro em Campo de Ourique... Diga lá se jantou...

— Hoje e por acaso ainda não. Estive à minha pórtá, para isso mas tornei atraz por me ser preciso dar uma volta. Eu também móro para os seus lados, um pouco mais adeante.

Havíamos parado ao pé da pastelaria Marques e o capitão Moreira que, por sinal, é major reformado há mais de vinte anos, parecendo tomar uma deliberação deu-me o braço e, comigo a reboque, voltou a esquina, á direita, dizendo assim:

— Vamos aqui ao Silva que é mais perto. Estou com fome. Jantâmos e vamos conversando, ao mesmo tempo.

Eu teria preferido outro «restaurant» mais modesto.

Subimos, lado a lado, passando logo a um gabinete onde algum tempo depóis tornei a jantar com o meu amigo Rocha Martins, (pagando êle) que escolhera esse ponto para procedermos, juntos, á revisão duma lei da

nossa autoria por êle apresentada e pelo sr. Adelino Mendes na Camara dos deputados, relativamente à assistencia do proletariado e que uns cavalheiros cujo nome não vem para o caso houveram por bem chamar á mochila, convertendo-a em lei de salvação para acudir à falência eminente dum certo numero de companhias de seguros, advertindo que em Portugal é tão frequente larapiar carteiras e impingir o conto do vigário aos papalvos como é correntio lançar mão das boas idéas alheias quando não se possuem idéas próprias que possam servir como aquelas que, no fim de contas, são torcidas e retorcidas ao sabôr de quem as empalma e apresenta, depois, como produto da sua lavra.

Estavamos abancados, «vis-à-vis», e já o criado trouxera os talheres e a lista que o major Moreira, consultava atentamente, tendo posto a sua luneta.

Não direi de que constou o jantar porque é sempre pouco agradável saber o que os outros comem, quando não comem mal e não se pode fazer a mesma coisa.

Só direi que jantámos à grande, bebendo, na proporção, algumas garrafas de Colares, da viuva Gomes que foi esse o vinho que escolhi, visto que assim o quiz o major Moreira que havia escolhido os pratos.

Em aditamento ao jantar e à respectiva sobremeza foi-nos servido o café, acompanhado de velho «cognac», para amigos, com a guarda de honra duns charutos estrangeiros que bem mereciam uma salva de continência.

Jantar! Como é agradável fazê-lo à boa paz da consciência, sem o sabor duma infâmia nem do alheio infortúnio, sobretudo quando não se almoçou e quando um amigo velho e verdadeiro nos proporciona esse prazer, levando a sua galhardia ao ponto de não olhar às despesas, pagando-as do seu bolso.

Jantar e almoçar!

Os dois polos da vida, em todos os mundos possíveis e imagináveis e pelos quais, atravessando-os, passa a linha recta imaginária que vai ter ao centro geométrico do estômago, verdadeiro laboratório duma química transcendente, mineral e orgânica que dá água pela barba à pobre humanidade.

Jantar e almoçar!

O ideal nunca atingido pelos famulentos perpétuos e sempre ultrapassado pelos argentários inapetentes que, não tendo mais nada que invejar, invejam o apetite devorador daqueles que agonisam nos braços da miséria para que eles possam ter de tudo quanto é bom com abundância

descomunal e as longas digestões soporíferas das gibóias que devoram búfalos assim como a burguezia iníqua e desalmada devora a grei mesquinha e indefeza que se arrasta toda a vida na gehenna das oficinas e outros logares do perpétuo trabalho martírio, executado à sobreposse.

Um trabalho suplicioso que faz milhares e milhares de forçados das galés tenebrosas da existência por cada um daquêles e daquêlas que se nutrem do seu sangue, de todas as suas fibras de corpo e alma, das suas lágrimas incessantes e do suor corrosivo do seu rosto que cristalisam no ouro maldito.

Um aglomerado de tormentos que origina a revolta permanente dos escravos que alguma vez será triunfante no advento do grande dia da Justiça vingadora das torpezas e iniquidades transmitidas de geração em geração aos humildes da terra, acrescidas, do berço à sepultura, como herança dos escravos primitivos e dos servos da gleba que lhes sucederam ao cabo de muitos séculos de vileza e depravação dos senhores, também hereditárias e acrescidas dos barbarismos duma intitulada civilização, os quais, dum século para o outro, maior volume adquirem, tornando-se mais numerosos.

Como êles, os abomináveis privilegiados por si próprios, os que tudo monopolizam, da água ao pão, do vestuário ao calçado, da instrução ao ar puro; como êles, os habilidosos inexcedíveis na condução da levada aos moinhos avantajados da sua conveniência sabem tirar proveito e partido da cobardia colectiva e da desunião fatal dos proletários — causa única da ruína destes, das suas desgraças, da sua servidão, dos seus infortúnios, das suas misérias materiais e do seu derrancamento moral.

Como êles, os detentores iníquos e ambiciosos do património comum, devoram êste, às gargalhadas, na orgia permanente dos seus salões magníficos em cujas paredes e mais do que latentes principiam a destacar-se as primeiras letras de fogo daquela terrível legenda que a mão oculta do mistério uma vez acendeu na sala dos festins de Balazar, o maior tirano da Babilónia dissoluta e maldita.

Como é belo viver, ainda que não seja mais do que na luta incessante pelos que sofrem e como é belo o sofrimento que gera a rebeldia dos lutadores intemeratos e pertinazes e lhes inspira a compaixão pelos humildes que não sabem ou não podem defender-se!

Como é bela a revolta quando justa e proveniente da certeza de que o grande número dos produtores não janta nem almoça, vegetando, apenas, miseravelmente, no seu máximo desconforto moral e material que pode tão sómente compadecer e revoltar os que sofrem porque sentem, sem o que não poderiam jámais reagir nem revoltar-se!

Como é imprescindível e seria bela a união completa dos que padecem as conseqüências das alheias culpas e das faltas alheias, por via de regra desnecessárias e que, sem grande esforço, poderiam ser evitadas corrigindo as brutalidades do destino arbitrário a que não é impossível aplicar-se o coeficiente de correcção que o mesmo destino, na sua matemática superior e infalível, tem sempre ao dispôr dos mortais que, mui raras vezes, ao seu emprego recorrem!

A existência desse coeficiente, para mim de toda a evidência, não podia deixar de ser, uma vez que há erros que demandam a sua aplicação, muito mais facil do que pode supôr-se, quando admitido este meu conceito que provém da minha observação dos factos, por muito pouco admissível ou aceitável que esse conceito se afigure aos superficialistas que aceitam os acontecimentos sem discuti-los e sem indagar das suas origens, julgando em tudo e por tudo «à-prióri», se alguma vez se dão ao incomodativo trabalho de julgar, seja o que fôr.

Assim discorria eu à meza do *restaurant* Silva, tomando *cognac* e fumando, num imprevisto *tête-à-tête* com o meu amigo Brito Moreira que me escutava, complacente, sem me interromper e que, a meia altura do jantar, me fôra puchando para este terreno da metafísica.

Mas quando os meus devaneios, como êle classifica sempre as minhas harengas filosóficas, chegaram ao ponto da correção das brutalidades do destino por meio do tal coeficiente, dei notícia de que o meu anfitrião tinha nos labios um sorriso sardónico.

— De que se ri você, ó Moreira? Não concorda comigo?

— Até certo ponto concordo, mas o seu coeficiente, esse lá, tenha você paciência, é que eu não deixo passar porque, logicamente, não posso admiti-lo, de maneira alguma.

— Como e porque não? Faça-me o favor de explicar-se, mas deixe que lhe diga que eu não dogmatizo para convertê-lo à minha fê.

— Nem eu aceito dogmas mas, unicamente, a discussão leal sobre os factos conhecidos.

— O mesmo faço eu que jámais discuto pessoas mas, apenas e em determinadas circumstancias o que elas fazem, bem ou mal feito, segundo se convencionou classificar o que se faz.

— Estamos de acôrdo, nesse particular e tenho estado a ouvi-lo com bastante agrado, notando, contudo algumas flagrantes contradicções, aliás à boa fé, entre as diferentes idéas ou conceitos de que você tem feito aqui o enunciado.

— Contradicções?

— Sim, mas vamos indo, por partes. Principiou você por dizer ou quiz dizer na sua que o homem é agente e não árbitro do destino.

— Disse e sustento... Duvida?

— Perdão; não me interrompa e deixe-me concluir, sem perder o fio das minhas idéas contraditorias duma parte da sua exposição.

— Prossiga, estou ouvindo.

— Como pode compreender-se ou admitir-se que, sendo o destino inelutável e árbitro supremo das acções humanas, essa mesma entidade ou como você quizer chamar-lhe, não tendo como não tem vontade própria, entidade inconsciente, por conseguinte, como pode, elater levado a sua previsão ao ponto de nos proporcionar um coeficiente correctivo das suas acções ou brutalidades, conforme você lhes chamou?

— Ora essa?!

E' isto mesmo, que lhe estou dizendo. Que prova...

— Que melhor prova pertende o meu amigo da existência desse meio de correcção do que aquella formidavel cotovelada que você me deu há bocado, ali em baixo?

— Mas se tinha que ser!

— Não contesto... Um facto pode ser oposto em relação a outro mas não é capaz de destrui-lo. Um argumento é que pode destruir outro argumento quando aquele que tiver esse poder de destruição seja firmado no facto.

— Aí está você sofismando e querendo escapar-se, com os seus rodeios e silogismos. Vejo que não mudou de sistema ou de processo e que principiamos ou acabamos por não nos entendermos, como sucedia, há trinta anos. O que é, é, repito. Mudemos de assunto, se quizer, mas guarde lá o seu coeficiente de correcção para uso próprio.

— Já lhe disse que não dogmatizo, como você fazia, lá em Quelimane, quando discutíamos sobre assuntos transcendentales...

— Eu? Em Quelimane?

— Sim, você mesmo.

— Um exemplo, por obséquio.

— Lembra-se quando eu andava a contas com a telegrafia sem fios? Lembra-se de me dizer...

— Que era impossivel.

— E hoje, o que me diz a esse respeito?

— Que era impossivel que você fizesse essa descoberta.

— Impossivel não era...

— Mas, como queria você?...

— Isso é que eu não sabia. Nem eu me chamava nem me chamo Marconi nem naquele tempo, que eu o soubesse, se conheciam as ondas hertzianas nem o tubo de Branly. O que eu queria bem o sabia mas ignorava como havia de consegui-lo. Você vinha de fresco, ali da Politécnica e eu era então um pobre escrivão de direito, acumulando com as funções de notário, sem a minima bagagem scientifica e só possuidor, como ainda sou hoje, da intuição ou do palpite das cousas. Não obstante e na prática já eu reconhecera, como então lhe fiz vêr, a falência do dogma scientifico, a proposito da arrojada afirmação dum físico francês — Gastão Tissandier, se não me engano — o qual, vinte cinco anos atrás ou seja, presentemente, há mais de meio século e numa revista que lhe mostrei a você, sustentava dogmaticamente que o motor eléctrico só poderia servir, como peça de gabinete, para demonstração da electricidade dinâmica, visto que êste fluido, como êle chamava e ainda hoje se chama a essa força, ainda então limitada aos polos da pilha de Volta ou de Bunzen, nunca poderia empregar-se como agente motor.

— Lembro-me disso mas não sei a que pretende chegar, com essa evocação.

— A' falência do dogma scientifico, tão certa como a falência de qualquer outro dogma, em cuja defeza nunca quebrei nem quebrarei lanças, assim como sustento e hei-de sustentar sempre, tendo-o sustentado há trinta anos e na sua presença quando o meu amigo me fazia a apologia do militarismo como agente principal da disciplina, geralmente considerada, que a revolução social tão desejada por uns e temida por outros, não se fará aos tiros nem à coronhada nem tão pouco pelo empre-

go dos braços na vindicta, aliás muito justificável, das multidões sobresaltadas com os seus sofrimentos multi-séculares ou pela revolta correspondente que da mesma sorte se justifica.

— De maneira que você ainda não perdeu a sua velha mania da revolução social por meio das suas grageias ou pastilhas alimentícias compostas de oxigénio, carbono e azote, os trez principais fundamentos da vida animal e vegetal.

— Exactamente, ou pouco mais ou menos, como alguns anos depois de eu lhe dar a conhecer, a si, essa minha teoria o afirmou Berthelot, o eminente químico francês, quando perguntado não sei por quem e no fim do ultimo século sobre a descoberta mais provável e importante do mesmo século.

— *Les bons esprits*...

— E' isso mesmo.

— Muito interessante, na verdade, essa sua teoria, mas você que esteve para aí fazendo a apologia da vida, do conforto, dos bons almoços e jantares, diga-me cá se trocaria alguma vez os prazeres da meza pela ingestão ou deglutição dumas pastilhas ou grageias insipidas ou, talvez, de mau sabôr.

— O major esquece-se de que já uma vez lhe fiz sentir que esse genero de alimentação sintética só poderá tornar-se vantajoso nas lutas do trabalho com o capital e de maneira que os operários, sem outra alimentação mais sólida e apropriada possam cruzar os braços para fazerem valer as suas reclamações e os seus direitos ficando em casa com a família pelo tempo necessário para vencer, sem necessidade de vir à rua defrontar-se e bater-se com a tropa que leva quasi sempre a melhor porque dispõe da força brutal e esmagadora das armas que, sendo obra de feitiço, se voltam sempre contra o feitiçeiro que é aquele que as fabrica.

— Antimilitarismo, em acção; mas lastimo o tempo que você perde comigo porque eu, sendo embora militar porque me encontrei um dia neste meio sou o menos militarista que é possível. São muito originaes as suas concepções scientificas mas há-de permitir-me que eu não participe das suas idéas e do seu entusiasmo sobre a redenção humana por meio das suas pastilhas.

— Como quizer, repetindo que não dogmatizo.

— Deixe-se de fantasias, meu caro. O mundo é e será como sempre foi e o homem o lobo de si proprio, entredevorando-se pela ânsia da posse das riquezas. O fra-

co há-de ser o perpétuo juguete do mais forte, a carne do canhão e do prostíbulo, da escravatura e da lei estatuída. Perca as iluzões. Venha à realidade. Se quiser praticar o bem não faça mal. Quando soprar a rajada, curve-se, como fazem os arbustos e as plantas rasteiras para não serem quebradas ou arrancadas da terra que lhes dá alento. Não se dê à loucura de atacar redutos solidamente fortificados e bem defendidos, investindo com êles a bólas de sabão que, depressa, se desfazem no ar. Almoce e jante todos os dias, vista-se e agasalhe-se o melhor que puder, reservando a sua energia para si e para os seus, colocando estes antes ou acima de tudo.

— Impossível seguir o seu conselho. Adquiri muita velocidade e esta, como sabe, é a força multiplicada pelo caminho.

— Deixe-se disso. Não seja maluco. Não queira armar em Cristo, porque os redentores hão-de ser sempre crucificados e quanto maiores êles fôrem tanto maior será o madeiro do seu suplicio.

— Os Cristos são de sempre. Onde estiver um infeliz, um oprimido está um Cristo. O que seria de nós todos se não fôssem os sacrificios e a solidariedade dos outros para comnôco?

Paga a conta pelo major Moreira, saímos à rua. Cesára a chuva. O ceu limpára-se de nuvens e sôbre as nossas cabeças scintilavam estrelas, formando cortejo a um formoso crescente.

— Você segundo supponho, precisa de dinheiro, disse-me o major Moreira.

E como eu não respondesse acrescentou:

— Quem cala consente.

Abriu a carteira e, tirando desta uma nota de cinquenta mil réis:

— Tome lá, me disse êle. Um dia faremos contas... Quando vier a revolução social.

E entrámos os dois no carro da Estrêla, que estacionava defronte da «Garrett.»

Meia hora depois chegavamos à sua porta, na rua do Quatro de Infantaria.

— Moro aqui. Quando quiser. Segundo, esquerdo. Apareça. E' verdade: — e a grande guerra?

— Efeitos de causa.

— E a Russia? Os *soviets*?

— Efeitos necessários duma causa desnecessária. A explosão do ódio de muitos séculos provocado pelos tiranos que imaginam que os vulcões se extinguem

abafando-lhes a cratera com metralha e granadas. Da guerra nada lhe digo. Nunca discuti o raio e tenho sobre ela a mesma opinião do padre António Vieira, que tão exactamente a descreveu, chamando-lhe flagelo.

— Havemos de falar disso. Procure-me aqui ou no Gêlo, para trocarmos impressões e dizer-me o que pensa sobre a guerra.

— Penso que foi apenas principiada e que está interrompida por algum tempo.

— Quem sabe lá!

— Sei eu, que observo.

— Uma fatalidade, sem admissão do seu coeficiente correctivo das brutalidades do destino. O que virá ainda? O que virá, depois?

A redenção humana que há-de ser obra dos homens — queiram êles ou não — com o concurso das Sciencias e das Artes, na sua completa maioridade; a Justiça, a Beleza, a Equidade, a Razão, o Direito e a Verdade imperando em todos os lugares da Terra. O homem integrado na Natureza e esta sem ter um único segredo para êle. A inevitavel Redenção.

— Seja feita a sua vontade. Adeus e apareça.

— Adeus, lhe respondi, apertando-lhe a mão. E fui andando, caminho de casa.

Soava meia noite em Santa Izabel e na bazílica da Estrêla. Acabava um dia e outro principiava logo, na tangência dos seus extremos.

No céu, sem lua, tremeluziam estrêlas, aos milhares, sobre a minha cabeça. Entre elas, muito fixa, uma outra se destacava, duma grandeza invulgar.

— Bemdita sejas tu, ó estrêla minha amiga, que reflectes, porventura, os clarões da aurora que eu enxergo, há muito, para a banda dos laboratórios químicos e dos gabinetes scientificos em que os sabios preparam o pão da hóstia para a comunhão geral da humanidade — murmurei, comovido, sem que alguém me escutasse. Bemdito sejas tu ó astro promissor da Redenção que eu ambiciono e em que minh'alma crê!

E no silêncio da noite chegaram aos meus ouvidos os acordes não mui distantes dum piano que me pareceu tocado pelas mãos dum anjo.

Não sei que música era aquela mas, pela sua infinita harmonia, julguei que baixava do céu aos meus ouvidos.

Então, sob o manto da noite constelado, eu que tenho a lágrima um pouco difficil, percebi que chorava.

As estrêlas do Creador viram as minhas lágrimas, re-

fletindo-se nelas, n'uma apoteóse singular de mistério, em que havia fulgurações deslumbradoras dos mais raros e formosos diamantes lapidados.

E a grande estrela imota parecia enviar-me das supremas alturas a promessa solene, daquelle grande dia, certo da **INEVITAVEL REDENÇÃO HUMANA** pela **Sciência** engrandecida atravez do tempo infinito e pela **Arte**, elevada à ultima potencia da sua perfeição, formando, ambas, um todo único, indivizível e cingindo, num só abraço, o escravo do salário, finalmente liberto e a grande familia humana, sem distincção de raças, física e moralmente perfeita e materialmente feliz, até ao fim das edades.

FIM

A NOVELA VERMELHA

Em preparação:

N.º 9 - O Mestre Geral

POR

JESUS PEIXOTO

PUBLICADO:

- N.º 1 A Expição *por Manuel Ribeiro.*
 - N.º 2 Sangue Fidalgo *por Nogueira de Brito.*
 - N.º 3 Hugo, o pintor *por Mário Domingues.*
 - N.º 4 Dois Tiros *por Sobral de Campos.*
 - N.º 5 Impossivei redenção *por A. Machado.*
 - N.º 6 A Escola Nun'Alvares *por Cristiano Lima.*
 - N.º 7 Anastácio José *por Mário Domingues.*
 - N.º 8 A Sciência redentora *por José Benedy.*
-

Colaboradores: Manuel Ribeiro, Aquilino Ribeiro, Nogueira de Brito, Mário Domingues, Sobral de Campos, Augusto Machado, Perfeito de Carvalho, Jesus Peixoto, Gonçalves Correia, Cristiano Lima, etc.

PREÇO: \$25 CENTAVOS

Série de 10 números: 2\$50

Shi